



CURSO BOVINOCULTURA LEITEIRA

PERIPARTO

O periparto ou período de transição contempla as 3 a 4 semanas antes e após o parto e é considerado um período crítico para os bovinos leiteiros devido a ocorrência de inúmeras alterações metabólicas e hormonais, os cuidados com este período se iniciam com uma boa programação e secagem das vacas.

O sucesso do periparto está relacionado ao período seco que é fundamental para a produção leiteira, neste período a vaca não está em produção de leite, e deve ser preferencialmente iniciado 60 dias antes da data prevista para o parto do animal e nunca em períodos inferiores a 45 dias, este é um dos motivos relevantes para as anotações na propriedade leiteira e as confirmações de prenhez, logo quando estiverem faltando aproximadamente 60 dias para o parto o animal, independente do total de leite produzido, são retirados todos os estímulos para a produção leiteira, desta forma na última ordenha do dia o animal é ordenhado sendo aplicado em cada um dos tetos um antibiótico intramamário específico para vacas secas para prevenir a mamite durante o período, os animais apresentando sintomas de mamite devem ser curados antes de serem secos, em animais com grande produção leiteira podem também ser aplicados medicamentos com base no princípio ativo Cabergolina que auxiliam no processo de secagem, neste momento o produtor também pode aproveitar para fazer a vermifugação dos animais, já que grande parte dos vermífugos não podem ser utilizados em animais lactantes ou tem grande período de carência, após os procedimentos o animal deve ser deslocado para um piquete com bons aspectos sanitários e que ofereça sombra e o maior conforto térmico possível pois este fator influencia diretamente na lactação seguinte, o piquete também deve ter água e mineral a vontade, e deve ser preferencialmente afastado do curral de manejo e conter um pasto de menor qualidade de volumoso em relação ao que a vaca vinha consumindo e não deve ser fornecido alimentos concentrados. A partir do dia da secagem o animal não deve mais ser ordenhado, mesmo se o úbere encher de leite, este fato não

ocasionará nenhum mal ao animal, pois o organismo da vaca absorverá este leite, entretanto, deve-se observar diariamente, para ver se o úbere da vaca está com alguma anomalia que indique infecção, principalmente aqueles animais com histórico de doenças mamárias. Se houver alteração deverá ser feita nova ordenha e repetida a aplicação do antibiótico. Após duas semanas, a vaca não mais produzirá leite e a secagem estará completa, a partir daí o animal poderá ser levado para um pasto de maior qualidade e que possa comer à vontade, se o animal estiver com uma boa condição corporal (escore entre 3 e 3,5) não há necessidade de fornecimento de concentrado, somente suplemento mineral.

Quando estiverem faltando entorno de 3 semanas para o parto o animal pode ser levado para o piquete maternidade, que deve ter excelente condição sanitária, sombra, água, ser coberto por um capim de qualidade e porte baixo (grama/brachiaria), localizado próximo ao curral ou local que possibilite a visualização do animal várias vezes ao dia e que permita o mínimo deslocamento, a partir daí o animal começa a receber concentrado como adaptação a dieta que receberá após o parto, a quantidade ofertada de concentrado deve ser de 0,5 até no máximo 1,0% do peso vivo, quanto maior a produção que a vaca alcança na lactação maior o volume de concentrado ofertado, a ração deve ter ao menos 12% de proteína bruta e conter um núcleo mineral aniônico que é comercializado por empresas do ramo de minerais para bovinos em fórmulas específicas para pré-parto em animais leiteiros, esta dieta contém menores níveis de cálcio e fósforo e elevada quantidade de ânions principalmente cloro e enxofre, sendo o objetivo ativar mecanismos que favoreçam o deslocamento de cálcio e fósforo dos ossos para a corrente sanguínea e melhorar a capacidade de absorção de cálcio pelo animal, isso é importante pois no início da lactação os animais apresentam demanda em especial por cálcio para a constituição do colostro e contrações ao parto, muito superior ao que o animal apresenta do elemento naturalmente na corrente sanguínea, especialmente animais de alta produção, e se estas medidas não forem adotadas o organismo do animal entra em colapso e pode inclusive vir a óbito por causa da hipocalcemia (febre do leite/síndrome da vaca caída), além disso o animal nesta situação está muito mais susceptível a doenças e outras alterações metabólicas indesejáveis, perdas produtivas e reprodutivas, as vacas jersey e aqueles partir da 3ª cria são mais susceptíveis, a eficiência deste tratamento pode verificada por meio da avaliação do pH da urina das vacas consumindo a dieta aniônica uma vez por semana ou a cada

15 dias, este parâmetro deve estar entre 5,5 a 7,0 (preferencialmente 80% dos animais com pH entre 5,5 e 6,0), naturalmente o pH urinário das vacas é acima 7,0. Para a coleta da urina os animais devem, preferencialmente após grande período deitado, ser levados para a contenção e ter a área próxima à vulva massageada estimulando assim a micção, a urina deve ser recolhida com um copo plástico limpo e o pH verificado com um pHmetro ou fitas específicas para este fim. A verificação da eficiência da alimentação com dietas aniônicas é importante pois indica que a maioria dos animais não vão sofrer com hipocalcemia clínica (sintomas aparentes) ou subclínica que é quando o animal apresenta o problema mas não há sintomas visíveis e que acomete 50% das vacas adultas, outro procedimento utilizado pode ser a administração de um vitamínico ADE nas vacas cerca de uma semana antes do parto, a vitamina D auxilia na prevenção da hipocalcemia, esta indicação vale especialmente para animais confinados (falta de sol) e em casos do mineral fornecido não apresentar a vitamina na sua constituição, a prevenção é a melhor forma de lidar com a hipocalcemia entretanto se ela ocorrer é importante ter na farmácia da propriedade um produto a base de cálcio para aplicação no animal afetado, nestes casos é importante o auxílio de um profissional habilitado ou treinamento do produtor e funcionários, pois a aplicação é geralmente intravenosa e deve ocorrer de forma lenta para evitar complicações, geralmente se bem efetuada os resultados são imediatos. O pré-parto em novilhas é feito de forma semelhante, ou seja, cerca de 3 semanas antes do parto devem receber a mesma atenção dada as vacas, para essa categoria também é importante ambientar os animais a rotina de ordenha.

Na proximidade do parto o conforto térmico é ainda mais fundamental e se possível devem ser adotados sistema de aspersão nos horários mais quentes do dia, além da garantia de alimento em quantidade e qualidade, garantindo que o consumo de alimento não caia. **IMPORTANTE:** Assim que o parto ocorrer a dieta aniônica deve ser encerrada tanto para vacas quanto para novilhas.

Importância do período seco

Um bom período seco garante ao animal:

- A regeneração dos tecidos secretores de leite o que representa maior produção na lactação seguinte e qualidade do colostro produzido;
- Permite a fêmea destinar maior nível de nutrientes ao feto, possibilitando o nascimento de bezerros com características desejáveis, já que cerca de 70 a 80%

do crescimento fetal ocorre no terço final da gestação e se houver competição por nutrientes entre o feto e a produção leiteira pode ocasionar nascimento de bezerros pequenos e fracos.

- Adequação do escore corporal em preparação ao parto se necessário.

REFERÊNCIAS

1. BLAUW, Hans; HERTOOG, Gijs den e KOESLAG, Johan. **Criação de gado leiteiro**. Wageningen, Países Baixos: Fundação Agromisa e CTA, 2008. p. 94 (Agrodok 14)
2. CAMPOS, Oriel Fajardo de; MIRANDA, João Eustáquio Cabral de. (ed.) **Gado de leite: o produtor pergunta, a Embrapa responde** 3ª. ed. rev. e ampl. Brasília, DF :Embrapa, 2012. p. 311 (Coleção 500 perguntas, 500 respostas)
3. COSCIONI, Anelis Cristina e PEGORARO, Ligia Margareth Cantarelli. **A nutrição e a reprodução de bovinos de leite**. Pelotas, RS: Embrapa Clima Temperado, 2005. p. 25(Embrapa Clima Temperado. Documentos, 139).
4. DOMINGUES, Felipe Nogueira; SIGNORETTI, Ricardo Dias e PFEIFER, Luiz Francisco Machado. **Manejo da vaca seca** In: SALMAN, Ana Karina Dias e PFEIFER, Luiz Francisco Machado (Ed.) **Pecuária Leiteira na Amazônia**. Brasília, DF: Embrapa, 2020.p. 221 – 233.
5. FERREIRA, Ademir de Moraes e MIRANDA, João Eustáquio Cabral de. **Medidas de eficiência da atividade leiteira: índices zootécnicos para rebanhos leiteiros**. Juiz de Fora, MG: Embrapa Gado de Leite, 2007. p. 08 (Comunicado Técnico, 54).
6. GONÇALVES, Edson. **Guia prático de produção intensiva de leite**. Rio de Janeiro, RJ: Sebrae/ Senar/ Faerj, 2007. p.32 (Gerenciamento de Propriedades Leiteiras).
7. MARTINEZ, Junio Cesar. **Guia rápido para nutrição de vacas leiteiras**. Disponível em: <<https://www.milkpoint.com.br/artigos/producao-de-leite/guia-rapido-para-nutricao-de-vacas-leiteiras-60707n.aspx>> acesso em: 26 de julho de 2023
8. NETO, João Gonsalves. **Manual do produtor de leite**. 1ª edição - reimpressão. Viçosa, MG: Aprenda fácil, 2016. p. 864.
9. PEGORARO, Ligia Margareth Cantarelli e COSCIONI, Anelis Cristina. **Manejo reprodutivo** In: PEGORARO, Ligia Margareth Cantarelli (Ed.) **Noções sobre produção de leite**. Pelotas, RS: Embrapa Clima Temperado, 2006. p. 91- 110.
10. PEGORARO, Ligia Margareth Cantarelli et al. **Manejo reprodutivo em bovinos de leite**. Pelotas, RS: Embrapa Clima Temperado, 2009. p. 38 (Embrapa Clima Temperado. Documentos, 286).